

4. Rousseau e *As confissões*: o ato de fundação de uma moral pessoal

4.1. Crítica a uma geração

Jean-Jacques Rousseau fez parte, ainda que de forma peculiar, de um movimento histórico, e, como consequência, motivou a existência de uma geração quando encontrou e juntou-se aos *philosophes* da “rodinha holbáquiiana”¹¹⁰. Mas não podemos esquecer que se existe um legado que de forma velada uma geração transmite à outra, ele não passa de desalento, indiferença e ódio, sentimentos que Rousseau foi ensinado a repudiar. Repúdio, aliás, que o obstinou a fazer de tudo para evitar que afetassem o século seguinte, afinal, como um homem que queria viver para além de sua era, acreditava ser o mínimo que podia fazer. E para salvá-la da indiferença, ele mesmo se colocou no papel de criticar a geração da qual fazia parte, empenhando-se exclusivamente contra o fato de ela ter primado tanto por desprezar socialmente a desigualdade quanto por valorizar hipocritamente as ciências e as artes – questões que para ele mereciam uma análise de natureza diferenciada daquela praticada pelo Iluminismo.

Antes de romper com os *philosophes* do século das luzes, Rousseau por eles tinha alguma estima, principalmente por aqueles do círculo em que se preparava a Enciclopédia. Contudo, por conta de todas as situações constrangedoras pelas quais passou por ter feito parte, ainda que não completamente, deste ambiente intelectual, ele renega sua época, com ela rompe os laços de amizade e abre mão de uma falsa convivência para poder realizar, na sequência de suas críticas, uma autocrítica. Esta se dá justamente por sua necessidade de colocar em discussão, não o conhecimento histórico e social que já fizera o público conhecer nos textos tratados anteriormente, mas o conhecimento de si ou pelos menos o conhecimento que estes doutos filósofos achavam ter dele e a partir do qual o julgavam.

¹¹⁰ Rousseau descreve, em *As confissões*, a origem e as relações do barão d'Holbach: “*Esse barão era filho de um novo rico, que gozava de uma grande fortuna de que usava nobremente, recebendo em sua casa literatos e pessoas de mérito, e por seu saber e suas luzes merecia bem o lugar que tinha entre eles*”. (ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 152)

Sua maneira de escapar do ataque destes homens não é outra senão a mesma que o faz ser criticado: vive como deseja e nunca muda seus hábitos por força da pressão de seu século. É de forma solitária que escolhe viver. Mas como seus contemporâneos parecem não aceitar seu desejo pela solidão, Rousseau acaba vendo-se obrigado a praticar uma forma peculiar de crítica que, embora não baste para combater o mal da história e da sociedade, é suficiente para questionar a tendência que seus contemporâneos têm de se posicionarem contra ele. E a peculiaridade desta crítica está no fato de ela ser, na verdade, uma autocrítica, o que significa dizer que, ao questionar-se, Rousseau pretende descobrir o que há de fato nele que desagrade tanto aos letrados de sua época. Pois somente descobrindo o que tanto os incomoda, a eles poderá dirigir-se com a propriedade de quem sabe, sem temer por julgamentos, colocar em evidência suas particularidades, não em favor de si mesmo, mas em favor de uma sociedade que está dividida entre as idéias de um partido filosófico e as de um único homem, e que merece saber qual deles está falando absolutamente a verdade ou mentindo relativamente. Daí podermos concluir, pelo menos de forma parcial, que embora Rousseau não deixe nunca de assumir sua singularidade, ainda assim, conquanto esteja consciente dela, mostra-se interessado em dar-lhe um alcance universal e objetivo, como se, ao examiná-la, propusesse ao século que fizesse o mesmo a partir das mesmas questões que o afligem.

É este questionamento de si mesmo que impulsiona Rousseau a decidir pelo rompimento com o século. Em uma das descobertas feitas a partir de seu exercício de autocrítica, ele constata que seus contemporâneos, por estarem despidos de um espírito autêntico, não estão empenhados em buscar por verdades, principalmente por verdades que visem dissipar o mal social no qual a sociedade está inserida. Pois há muito a filosofia, ao invés de se interessar por discussões universais, mostra-se adaptada a interesses estritamente particulares, como por exemplo a própria manutenção do partido dos *philosophes*¹¹¹. E como Rousseau, sozinho, era o extremo oposto desta facção, surge em seus pretensos amigos a necessidade de difamar, não o conteúdo de suas idéias e sua figura enquanto escritor, mas à maneira como escolheu viver e sua figura enquanto

¹¹¹ HULLING trata da necessidade dos *philosophes* de se manterem unidos em partido para defenderem suas particularidades como homens aptos e credenciados a apreciar o mundo, e que não toleram que deles se diferenciem ou desdenhem de seu projeto. “*D’Alambert, Duclos, Voltaire – all the philosophes – agreed that there was safety in numbers, and repeatedly called upon the gens de lettres, minimally, to form an alliance; maximally, to live in the company of one another. Doubtless, commented Duclos, one writer will sometimes quarrel with another writer, this author will be tempted to attack that rival, but soon ‘the fools reconcile. They will sense that their disunion goes directly against their general and individual interest’.*” (HULLING, Mark. *The autocritique of Enlightenment – Rousseau and the philosophes*. Ed. cit., p. 92)

homem. É do instante em que decide, a partir de uma reforma pessoal, viver desinteressado pelo luxo e pela riqueza que os *philosophes* passam a tratá-lo como um não membro do partido das luzes: “Foi menos minha celebridade literária que minha reforma pessoal que lhes atraiu a inveja: teriam talvez me perdoado brilhar na arte de escrever, mas não me puderam perdoar que eu desse por minha conduta um exemplo que parecia importuná-los”¹¹².

Os males que o afligem não são fruto somente das intempéries advindas da crueldade da história e da sociedade, mas dos filósofos com os quais convive e dos quais, apesar de seu desejo de solidão, não pode libertar-se. Se em seu primeiro *Discurso* Rousseau mostra-nos uma realidade obscurecida pela desigualdade material e cultural, em *As confissões*, nosso autor conduz-nos a uma nova realidade com rosto, nome e sobrenome bem definidos e conhecidos. A partir de agora, os males que se lhe apresentam pessoalmente, embora também tenham nascido com o advento da história e da sociedade, se encontram encarnados em homens de carne e osso. Estes homens estão tão próximos que Rousseau pode encará-los a ponto de constatar o quão reais e humanos são; homens que insistem em atormentá-lo por simplesmente querer estabelecer-se solitariamente na Ermitage e por recusar conviver em seus círculos de relações; homens que consideram um capricho estranho o fato de ele não necessitar de relações sociais, estas tão fortemente estimadas por eles como um meio necessário para suas atuações intelectuais. E embora a história e a sociedade engendrem uma corrupção que atinge a todos os seres humanos, o genebrino sabe que também existem alguns males a respeito dos quais muitos contemporâneos têm sua parcela de responsabilidade, principalmente quando a consequência de suas ações é exclusivamente fazê-lo sofrer. Tão cruéis quanto os males históricos e sociais os *philosophes* não são; porém quando os que se dizem seus amigos intervêm na vida solitária que escolheu levar, Rousseau os trata não só por maus, como também por desleais para com a amizade que lhes prestou, e, principalmente, desrespeitosos para com assuntos que somente a ele dizem respeito. É claro que o genebrino incide em erros ao faltar com muitos de seus deveres, mas seus amigos não cometem erros, antes sim vilanias, pois provocam abertamente uma discórdia intelectual por meio de um desrespeito pessoal: “Trair a confiança da amizade, violar o mais santo de todos os pactos, publicar segredos depositados no nosso peito,

¹¹² ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 139

desonrar por gosto o amigo que se enganou, e que ainda nos respeita, ao nos abandonar, isso não são erros, são baixezas de alma e sujeira”¹¹³.

Defender-se dos costumes da sociedade em que vive é, de acordo com os esforços de *As confissões*, um problema de crítica e de tentativa de desconstrução de preconceitos aos quais Rousseau está submetido por não almejar fazer parte de uma facção filosófica. Defender-se dos homens com os quais é obrigado a conviver historicamente, afastar-se dos letrados dos círculos parisienses, enfim, ser solitário para não ser vítima, são situações pelas quais Rousseau lamenta ter de passar simplesmente porque acredita nada ter feito que pudesse merecer a reação pessoal que um de seus contemporâneos mais próximos desencadeou. Diderot afirmou publicamente que “apenas o mau vive só”, afirmação que deixou nosso autor surpreso, pois ela veio de um amigo que o sabia só, e que, por isso, deveria ao menos ter feito uma ressalva a sua pessoa que, embora solitária, não era má: “Eu gostava de Diderot, mas, cansado por sua infatigável obstinação em me contrariar eternamente sobre meus gostos, minhas tendências, minha maneira de viver, sobre tudo que não interessava senão a mim, (...) me fez ficar com o coração pela borda”¹¹⁴.

Seu rompimento acontece definitivamente quando percebe que a sociedade não é apenas um espaço institucional, mas também a representação de um mal que vem dessas pessoas com as quais tem que lidar. E o texto de *As Confissões*, para além de qualquer qualificação, é uma investigação conduzida pelo coração de um homem que se autodenomina homem da natureza e que se vê no direito de agir e de pensar como quiser, sem ter que seguir quaisquer opiniões alheias à sua vontade. E por tudo isso, para não se tornar vítima e cúmplice de uma moral corrompida perante a qual ele só deseja desvendar seus males e efeitos nocivos, opta por viver na solidão, única escolha capaz de mantê-lo inocente diante destes efeitos, pois os males não são dele, mas da sociedade e dos amigos que tem, afinal, se não gosta de viver entre os homens é menos por culpa sua do que deles¹¹⁵.

Assim é Jean-Jacques: avesso à sociedade, aos homens reunidos e principalmente aos seus pretensos amigos. Mas infelizmente parte da bibliografia sobre nosso autor insiste em dizer que nestas atribuições de inimizade existe um resquício de loucura. Contudo, acreditamos que ela não deve ser levada em conta. Não são seus desajustes

¹¹³ Ibid., p. 134

¹¹⁴ Ibid., p. 278-9

¹¹⁵ Ibid., p. 296

psicológicos que se encontram aqui em discussão, mas sim o que ele manifestamente escreveu. O fato de seus amigos o classificarem de misantropo, anti-social, melancólico ou de quaisquer outros adjetivos afins a estes não pode ser caracterizado como fonte fidedigna para a constatação de que Rousseau era um insano. Afinal, são públicos os documentos¹¹⁶ em que a inimizade entre eles é travada, tal como pública é a citação de Diderot. E ainda que ele, em suas autobiografias, tenha apenas a necessidade de colocar em questão a sua pessoa – acusando, para tanto, seus contemporâneos de perseguição e entrando em conflito direto com eles –, não há dúvida de que sua atitude de querer mostrar sua vida em consonância com suas idéias constitui historicamente uma parte significativa do Iluminismo. Isto porque sua disputa por um espaço está evidenciada não somente nas idiosincrasias de sua vida; ele também considera suas idéias como posicionamentos historicamente apregoados diante de um debate intelectual no qual está incluído. Pelo menos é assim que ele se enxerga; ao contrário do que pensavam seus adversários que, ao pelejar contra sua pessoa e contra suas idéias, acabaram por conduzir alguns de seus intérpretes a desacreditar na importância de sua figura e na sinceridade da sua crítica no contexto do Iluminismo.

É claro que ele apresenta e descreve atitudes que fazem com que mais facilmente seus comentadores escolham a loucura como uma de suas características. É publicamente sabido que o momento de sua reforma é aquele em que mais sofre ataques tanto dos *philosophes* quanto do público de suas peças, uma vez que a situação que escolheu viver, de pobreza e independência, excitou a curiosidade de quase toda cidade de Paris: “Todo mundo queria conhecer esse homem esquisito que não procurava ninguém, que só cuidava de viver livre e feliz ao seu modo. Senti então que não é sempre fácil quanto se imagina ser-se pobre e independente. Eu queria viver do meu ofício e o público não o queria.”¹¹⁷ Cobram-lhe continuamente uma vida sacrificada às aparências sociais, motivo suficiente para que se sinta perseguido. Enquanto todos enxergam glória e respeito em uma vida entregue às regras hipócritas da sociedade, Rousseau enxerga sacrifício e humilhação. Não é à toa que critica os pensadores com os quais convive como traidores de suas próprias idéias em favor de um bem-estar intelectual que, apesar de tudo, tem preço. Um preço que ele não deseja pagar, qual seja o de estar submetido ao julgamento da geração posterior. Exatamente por isso, qualquer

¹¹⁶Mark HULLING nos oferece provas de que seria um despropósito tratar como evidência de insanidade as repetidas lamentações de que seus amigos o transformaram em um monstro, principalmente Grimm, Diderot e Madame d’Epinay. (HULLING, Mark. *The autocritique of enlightenment*. Ed. cit., p. 216)

¹¹⁷ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 146

sacrifício para reduzir sua realidade às aparências é para Rousseau uma situação de escravidão aviltante e cruel a que recusa o quanto pode estar submetido.

Tanto é assim que acaba acirrando sua disputa com grande parte dos representantes da roda do Barão d’Holbach, que não perdem tempo em prescrever o que pretendem que ele faça enquanto ele se defende por acreditar que não os deve obedecer. E não obedece. Prefere realizar uma reforma pessoal a despeito de tudo o que lhe ditam como sendo uma atitude respeitável. A existência reformada que escolhe levar não advém espontaneamente dele, mas do exercício de uma personagem que condiz muito mais com sucesso que o “pôs na moda” a partir da encenação do *Adivinho da Aldeia* do que propriamente com sua personalidade. E apesar de a personagem que criou ser avessa ao seu natural, ela está conforme à aversão por aquilo que há de falso e mentiroso no mundo das letras. Ela nada tem de hipócrita, aliás, nada tem dos preconceitos de seu século, pois não almeja posses nem luxo; possui apenas um comportamento de combate crítico ao que havia de falso e artificioso entre os círculos nos quais convivia¹¹⁸.

Estabelecida sua reforma, Rousseau não mais procura conviver com os amigos envolvidos nas facções filosóficas, senão na companhia de algumas pessoas que o toleram pela curiosidade que dele emana. Com vontade de ser sempre simples e autêntico, apresenta-se nas rodas de intelectuais o mais deselegante possível, pois ele não quer ser escravo das aparências em que vivem as pessoas da corte. Veste-se e portase o mais simples que pode. Abandona antigos trajes e vende utensílios que possam sugerir alguma arrogância. Contudo, a ausência de arrogância é o que mais chama atenção e incomoda os amigos que não suportam sua forma de agir, severa, sincera e desajustada socialmente: “Muitas vezes deplorei o zelo cego e indiscreto dos meus amigos, que procurando reduzir-me, incomodado como eu andava, a mais extrema solidão, trabalhavam no seu entendimento, para me tornarem feliz, usando os meios mais próprios para me tornarem miserável”¹¹⁹. E este desajuste, para os *philosophes*, vem de sua pretensão em fazer, além de obras teóricas, óperas, o que de certa forma acirra a disputa. O sucesso dos livros, dos bons livros, é alcançado por todos, motivo

¹¹⁸ “*Eu estava na verdade transformado; meus amigos, meus conhecidos, não me reconheciam mais. Já não era aquele homem tímido, mais envergonhado que modesto, que não ousava nem se apresentar nem falar; que uma pilhéria desconcertava, que um olhar de mulher fazia corar. Audacioso ativo, intrépido, levava para toda parte uma segurança firme porque era simples e residia mais na minha alma do que na minha atitude. O desprezo que as minhas profundas meditações me haviam inspirado pelos costumes, as máximas e os preconceitos do século, tornava-me insensível às zombarias dos que os veneravam, e eu esmagava suas graçolas com minhas sentenças como esmagaria um inseto entre os dedos*” (Ibid., 220-1)

¹¹⁹ Ibid., p. 168

que faz o sucesso de Rousseau nesta área ser indiferente. Contudo, a prosperidade de uma ópera apresentada ao rei e à sociedade é um motivo muito maior de contenda, uma vez que o número de apreciadores, em detrimento do número de leitores de um bom livro, é socialmente mais significativo. E assim Rousseau desabafa: “Creio que os meus pretensos amigos me perdoariam fazer livros e excelentes livros, porque essa glória não lhes era estranha; mas o que não me podiam perdoar era ter feito uma ópera, nem o brilhante sucesso dessa obra, porque nenhum deles estava em condições de competir no mesmo páreo, nem de aspirar as mesmas honras”.¹²⁰

Assim, o que acreditamos ser um objeto interessante de análise é a intenção confessa de Rousseau de querer agir de forma dura e acintosa contra a sociedade letrada da qual faz parte. Sua reforma pessoal é por sinal indispensável se quisermos descobrir que tipo de crítica ele almeja fazer. E exatamente por ter uma aversão natural às disputas e aos partidos intelectuais podemos inferir que ele é avesso a uma crítica que age em favor de si mesma; avesso a uma razão iluminada que visa seu progresso em detrimento da sociedade; avesso a um julgamento moral incapaz de desvendar uma maneira de combater a desigualdade política que reina em seu século; e, principalmente, contrário a uma crítica que não é capaz de emitir um juízo de si mesma e, a partir daí, provocar sua autocrítica: “Minha aversão mortal por tudo que se chamava partido, facção, cabala, me tinham mantido livre, independente, sem outra cadeia, senão as afeições de meu coração”¹²¹.

Por conta desta aversão Rousseau é julgado inúmeras vezes e acredita estar este julgamento ligado ao seu caráter. Promovida pelos *philosophes*, a avaliação de sua figura, muito mais como homem do que como escritor, se dá a fim de manter ilesas afirmações intelectuais e méritos que, até o aparecimento de nosso autor, sempre se mantiveram firmes e seguros. É exatamente por conta de uma necessidade de *autoconservação intelectual*¹²² que a resistência de seus contemporâneos contra ele se dá por uma necessidade histórica. Embora a contenda seja entre amigos, enciclopedistas e freqüentadores do salão do barão d’Holbach, estes não podem ser considerados meros personagens de uma autobiografia, mas figuras historicamente condicionadas pela necessidade de se unirem contra Rousseau para evitar que ele tome “um novo caminho

¹²⁰ Ibid., p. 176

¹²¹ Ibid., p. 333.

¹²² CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Tradução de Erlon José Pachal. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 89

para um novo mundo intelectual”¹²³. Tanto nesta afirmativa quanto nas atitudes vivamente sentimentais de sua reforma estão representadas uma força que o espírito do século XVIII não estava preparado para suportar, exatamente por ela ameaçar minar a forma tranqüila com a qual seus representantes defendiam seus posicionamentos. Enquanto foi virtuoso na tentativa de construção deste novo caminho intelectual, buscou uma conduta de acordo com seus princípios; enquanto, na verdade, esteve a frequentar os mesmos espaços sociais dos membros de sua geração, foi sincero e autêntico ao proclamar a luta imediata contra todos eles, corrompidos e reduzidos à aparência de um comportamento justificado pela mera necessidade de se manterem superiores por meio do exercício de uma razão segura, firme e, por isso mesmo, comedida em suas considerações.

Para que o julgamento crítico que faz dos homens com os quais tem que lidar seja encarado como um julgamento dirigido ao partido como um todo e não pessoalmente contra nenhum dos seus representantes, Rousseau também e ao mesmo tempo formula um embate contra si mesmo. É como se, desvendando seus sentimentos, revelando seus erros e despindo suas idéias de preconceitos, ele quisesse se mostrar aberto a construir uma alternativa para o Iluminismo. Sim, porque os *philosophes*, apesar de também desejarem destruir os valores preconceituosos que adentraram e se mantiveram em seu século, ao tentar destruí-los, acabaram, por meio da crítica hipócrita que praticavam, colocando outros em seu lugar. Daí a crítica elaborada por Rousseau ser, não aquela que toma para si a razão em favor de uma projeção intelectual no universo das letras, mas aquela que toma este mesmo universo como objeto, e, como conseqüência, avalia-o a partir do julgamento que faz de si como alguém que historicamente faz parte dele. Para tanto, faz-se necessário uma obra peculiar. O texto de *As confissões* é o espaço utilizado por Rousseau para desvendar, a partir do questionamento da singularidade de sua vida, as obscuridades desta sociedade. Espaço perfeito. Por isso mesmo, a forma escrita desse julgamento será aqui tratada como confiável e verdadeira simplesmente porque a consideramos um documento fruto do coração de um homem que se diz sincero e que deseja desvendar um movimento filosófico interiro por ser exatamente o seu oposto.

Para exercer esta sinceridade nada mais ideal do que a aliança entre a escrita e o recolhimento na solidão. “A escolha que fiz de escrever e me esconder é precisamente a que me convém. Com a minha presença nunca teriam sabido o que valho, nem o

¹²³ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 219

superioriam talvez”¹²⁴. É claro que ninguém saberia dizer a dimensão do seu valor, já que estão todos naturalmente imersos no mundo das aparências. Daí ele se colocar a necessidade de escrever para, escondendo-se, mostrar-se abertamente sem lacunas. Uma atitude que é, antes de tudo, defensiva, pois ele a toma por saber e sentir que tanto os homens com quem convive quanto a época em que se encontra o enxergam como alguém que pretende tomar seus lugares. Longe disso. Ao contrário, Rousseau não almeja construir um partido nem tampouco ser sozinho uma oposição. Na verdade, deseja construir uma crítica e uma denúncia a um movimento histórico que valoriza muito mais a busca por uma verdade particular absolutamente subserviente aos seus interesses do que a busca por uma verdade objetiva, de proporções e alcance universais, cujo ponto de partida, no caso de nosso autor, é a confissão de suas singularidades. E não nos será difícil agora constatar que a maneira como ele se defende tem a ver com a promoção de um autêntico conhecimento de si a partir do relato dos acontecimentos absolutamente verídicos de sua vida e, principalmente, dos sentimentos que acompanharam tais acontecimentos, que são legítimos simplesmente porque suas confissões tem por único objetivo descrever uma vida “em toda a verdade da natureza”¹²⁵.

4.2. A autocrítica de um iluminista marginal

Dadas as principais características de textos teóricos que lidam diretamente com assuntos autobiográficos, a grande maioria é enfática em dizer que Rousseau inaugurou a moderna autobiografia ao centrar-se em sua infância, ao fazer uso de uma cronologia e ao ser radicalmente individualista. Porém, o que de fato nos interessa quando nosso autor se propõe a falar de si mesmo aponta muito mais para uma necessidade forçada de *autojustificação* do que para uma espontaneidade *autobiográfica*. Ainda que não queira, ele *tem* que narrar sua vida: “Sei bem que o leitor não tem grande necessidade de saber tudo isto que vou dizer; eu é que a *tenho* de o dizer”¹²⁶. E mesmo que estas duas maneiras de tratar de si estejam imbricadas – afinal, é pelas descrições espontâneas dos acontecimentos de uma vida que se torna possível forçar uma análise de si como meio de justificar-se aos contemporâneos –, tentaremos demonstrar como a atuação hipócrita

¹²⁴ Ibid., p. 184

¹²⁵ Ibid., p. 11

¹²⁶ Ibid., p. 36

dos *philosophes* do Iluminismo torna indispensável a Rousseau uma necessidade, muito mais compelida do que irrefletida, de justificação de atos e idéias que delimite sua existência diante de um comportamento intelectual com o qual não tem afinidade e nem quer ser confundido. Se antes, na crítica histórica e social realizada no primeiro *Discurso* e na *Carta*, ele teve por objetivo deixar claro que não se esquivaria de nomear a história e a sociedade como corruptoras do homem, agora, em *As Confissões*, Rousseau quer provar, por meio da exposição de sua existência pessoal, que, além de não ser um representante do Iluminismo, será aquele que se posicionará contra o espírito de glorificação hipócrita da razão crítica e defenderá, para substituí-la, uma moral autocrítica.

Ainda que prime por um estilo intensamente pessoal em todas as suas obras, é na interpretação de *As confissões* que este estilo se transforma na referência com a qual traçaremos a crítica que ele faz a si e, por consequência, ao século. É claro que se quisermos alargar nosso ponto de vista, veremos que de alguma forma o ataque que Rousseau fez à cultura no primeiro *Discurso* e na *Carta* pode estender-se a qualquer civilização que valorize as letras. Todavia, não podemos agora negligenciar o fato de sua crítica também estar voltada para o tipo exato de civilização que se encontra representada pela sociedade na qual ele mesmo vive. E será exatamente a partir dos motivos dos quais Rousseau lança mão para justificar a realização de sua autobiografia que constataremos como ele procura a todo o momento distinguir-se dos *philosophes* pela necessidade de colocar-se como um exemplo de homem natural que é, antes de tudo, crítico da realidade da qual faz parte simplesmente por ela isolar cada ser humano nas falsas aparências e no amor-próprio por trás dos quais os valores da vida civilizada exigem que eles se escondam. Daí afirmarmos sem dificuldades que será a partir de um exercício de observação dele mesmo – como sendo um sujeito histórico inserido em uma sociedade que valoriza um tipo de conhecimento crítico que a tudo subjuga pela falsidade – que Rousseau realizará um combate contra os elementos de formação do século XVIII e a eles dará uma expressão muito mais visível do que aquelas do *Discurso* e da *Carta*, na medida em que agora o seu sentido subjetivo encontra-se muito mais exposto.

E com o objetivo de promover uma crítica real, histórica mesmo, à hipocrisia da qual está tão próximo, Rousseau se sente impelido a realizar, como esteio de uma interpretação que pretende ser exatamente o contrário do que aspiravam seus adversários, uma crítica a si mesmo – atitude que acredita fazer dele o único exemplo de

homem responsável por apontar um novo rumo para a sociedade corrompida do século XVIII. Um rumo que certamente se dará por uma reforma urgente do indivíduo ao nível da moralidade pessoal, já que cada um que se propuser a lê-lo em toda a verdade de sua vida será naturalmente levado a comparar-se e, conseqüentemente, a exercitar a mesma atitude autoreflexiva. E para tornar esta reforma efetiva, nosso autor lançará mão da *sinceridade* como a melhor e única motivação daquele que sente a necessidade de se isolar para provar à sociedade que dentro dele existe uma verdade que ela, ao contrário, parece não querer privilegiar como seu alicerce. Neste sentido, veremos como *sincera e franca* é a concepção do projeto de contar sua vida em *As Confissões*, nada semelhante a qualquer tentativa feita antes dele.

“Eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Disse o bem e o mal com a mesma *franqueza*. Nada calei de mal, nada acrescentei de bom; e se me aconteceu usar algum ornato indiferente, não foi nunca para preencher um vácuo da minha falta de memória. Talvez tenha imaginado ser verdadeiro o que eu acreditava que o devesse ser, porém jamais o que eu soubesse ser falso. Mostrei-me tal qual era; desprezível e vil quando o fui; bom, generoso e sublime quando o fui, desnudei meu íntimo, tal como tu próprio o viste, Ente Eterno. Reúne ao meu redor a turba inumerável dos meus semelhantes; que eles ouçam as minhas confissões, que gemam com as minhas indignidades, que corem com as minhas misérias. E que por sua vez cada um deles descubra seu coração aos pés do teu trono, com a mesma *sinceridade*, e após que um só deles te diga, se ousar: ‘fui melhor que aquele homem.’”¹²⁷ (grifo nosso)

É com este trecho, um relato aberto e sincero de uma existência plena em face de um mundo que está sempre encoberto pela hipocrisia, que Rousseau inicia seu objetivo de estender sua subjetividade ao que há de universal e comum nos homens. Não é somente uma vontade espontânea de se expor e de se proclamar diferente dos *philosophes* que está por trás do tratamento que dirige às suas questões subjetivas; na verdade, por trás delas existe uma necessidade de defender-se de todas as investidas que recebe contra as suas particularidades. E esta defesa é afirmada pelos relatos forçadamente detalhados dos acontecimentos virtuosos de sua vida, dos caminhos de sua consciência e da tortuosidade de suas paixões, situações que, narradas com a mesma intensidade de verdade, são tão importantes quantos são as da vida de um nobre ou de grande homem de letras, afinal, não prometeu oferecer ao público um “grande personagem”¹²⁸, mas sim tal qual de fato é, na simplicidade de suas idéias e na trivialidade de sua vida. Embora nestas situações da vida haja verdades comuns a todos os homens, independentemente da posição social que ocupam, elas somente têm validade se estiverem comprometidas com a sinceridade de uma expressão de

¹²⁷ Ibid., p.11

¹²⁸ Ibid., p. 275

personalidade e subjetividade que, se não pode ser apreciada por padrões comuns e universais, pode certamente, pela via inversa, apreciá-los.

É como se em *As confissões* Rousseau estivesse orientado por uma intuição que a todo o momento lhe sussurrasse como proceder no tratamento do século. E como a essência da intuição é ser estritamente particular, ele só poderá julgar seus contemporâneos se ao mesmo tempo também realizar um julgamento de sua pessoa. Nesse sentido, a narração acerca da atitude hipócrita de seus adversários é guiada pela narração daquilo que o interessa acima de qualquer outra coisa – ele mesmo. Contudo, este relato não é uma defesa desmedida de si, o que também não o impede de silenciar uma verdade se esta existir para o seu obséquio: “Tenho medo que o leitor esqueça que não faço minhas confissões por imaginar que faço minha apologia; mas não deve esperar também que cale a verdade quando ela falar em meu favor”. E a moral observadora que aprendeu para melhor estudar a verdade dos homens no *Discurso* e na *Carta* agora se mostra útil para estudar a sua própria em nome de todo o século XVIII. Não é à toa que quando critica o fingimento de seus amigos, Rousseau não retira sua defesa de um apelo aos valores de quem o lerá, mas a situa dentro de seu próprio sistema, à luz de seus valores e projetos, pois somente com a descoberta de seus sentimentos e da sinceridade que deles emana é possível para ele colocar-se em discussão. Daí conseguir sozinho libertar-se interiormente dos clichês de sua época para comunicar-se francamente com os seus representantes, exatamente o público que escolheu ousar confrontar com a verdade de suas emoções, de seus sonhos, de seus desejos e até da eloquência de sua escrita, lugar onde pode livremente utilizar imagens e metáforas impregnadas de termos retirados intuitivamente da natureza e dele mesmo, que se intitula um homem da natureza.

Por isso vale aqui voltar novamente nossa atenção para o mito da estátua de Glauco. Além de ser possível concluir dele que o homem em sociedade tem sua bondade velada, também se pode daí desvendar que a fisionomia original da estátua é uma ficção cujo papel é o de apresentar-se como a face ideal do homem. E esse homem é Rousseau, que, ao fazer a defesa imperativa do bom selvagem e ao acusar de forma lamentosa o homem corrompido da sociedade, é sempre a ele mesmo que recorre como fonte de defesa e acusação. Seu limite é sempre a natureza, aquela que não é mais nada senão precisamente a sua própria. Assim, ao escrever *As confissões*, declara que somente ele pode, por sua sincera distinção, revelar o homem tal como ele é: “Eu só. Sinto meu coração e conheço os homens. Não sou feito como nenhum dos que já vi; e

ouso crer que não sou feito como nenhum dos que existem. Se não sou melhor, sou, pelo menos diferente. E só depois de me haver lido é que poderá alguém julgar se a natureza fez bem ou mal em quebrar a forma em que me moldou”¹²⁹.

Diante deste primeiro ato de franqueza e sinceridade, oposto ao cínico comportamento do século XVIII, Rousseau fixa sua personalidade que, mesmo às vezes deixando de ser ela mesma, sempre retoma seu lugar como se nunca tivesse deixado de ser quem é, justa e verdadeira. Ainda que ele represente um papel ou ainda que em determinados momentos sofra de delírios em que se torna um outro diferente dele próprio, seu objetivo é o de sempre fazer conhecer o seu íntimo e a história da sua alma em quaisquer situações da vida, sejam elas de desvario ou de equilíbrio, bastando, para tanto, adentrar a si mesmo: “Queria poder de algum modo tornar minha alma transparente aos olhos do leitor; e por isso procuro mostrá-la sob todos os pontos de vista, esclarecê-la em todos os dias, proceder de modo que não haja um movimento que ele não perceba, enfim, de jeito que ele possa julgar por si próprio o princípio que o produz.”¹³⁰ Desta maneira, apesar das vezes em que se julga desatinado, procura sempre mostrar-se ao leitor dando a ele a oportunidade de julgá-lo a partir dos elementos, situações e oscilações que deixa disponível em toda a autenticidade de sua obra.

A partir destes elementos, o *autor* Rousseau exige de seus leitores uma espécie de neutralidade e transparência para tratar do *sujeito* Jean-Jacques, pois para “ler no coração dos outros é sempre um mau processo mostrar-se que se esconde o próprio coração”¹³¹. E é inegável o fato de o *sujeito*, na função de *autor*, estar desempenhando um papel ativo na busca do conhecimento de si mesmo, pois não se priva de sua própria história, de forma que é a ele mesmo a quem recorre como modelo para criticar o que sabe ser manifestamente arbitrário e falso na sociedade. Daí afirmarmos que muito do seu ressentimento e desapego a esta sociedade se deve ao fato de ela ser também a responsável pelos seus infortúnios pessoais: “Ressentia-me do maligno jogo dos interesses escondidos, que me perseguiu a vida inteira e que me deu uma muito natural aversão pela ordem aparente que os produz”¹³². É nesse sentido que a peculiaridade de sua vontade em se expor encontra-se na crença fundamentada de que os participantes deste jogo de interesses o perseguem porque dele formulam uma idéia equivocada por não aderir ao esquema hipócrita de suas relações: “À força de só ver em mim um laçao,

¹²⁹ Ibid., p. 11

¹³⁰ Ibid., p. 275

¹³¹ Ibid., p. 129

¹³² Ibid., p. 129

impedia-me de parecer outra coisa”¹³³. E o que ele almeja é corrigir esta idéia colocando-se sob as vistas daqueles que propositadamente a divulgam como sendo verdadeira. Para tanto, para parecer o que de fato é, busca a justificação de sua vida presente na narração dos acontecimentos e dos sentimentos do seu passado. Tal como a investigação do homem no estado de natureza, a busca de si mesmo a partir das lembranças do passado em nenhum momento sugere um retorno a ele, mas antes uma prova capaz de corrigir o erro do olhar opaco da sociedade. E é a partir da construção de um *autor* atuante na história de seu tempo e de um *sujeito* exposto em toda a sua extensão a quem quiser julgá-lo verdadeiramente que Rousseau retira os elementos necessários para tornar possível a crítica à sua sociedade.

“Na tarefa que empreendi de me mostrar todo em público, é preciso que me coloque sob os seus olhos. Que ele me siga em todos os meus desvarios de coração, em todos os recantos da vida. Que não me perca de vista um só instante sob pena de, ao me encontrar na história a menor lacuna, o menor vazio dizer: ‘Que fez ele nesse tempo?’ e me acuse de não ter querido dizer tudo. Dou por minhas narrações, muitos pretextos à malignidade dos homens, e não lhos quero dar pelo meu silêncio”¹³⁴

Não basta a ele ser verdadeiro em suas ações mais simples e cotidianas, já que ninguém de seu círculo de relações está disposto a enxergá-las de fato como merecem. A verdade que deriva de sua pessoa não é suficiente para que nele acreditem. É necessário mais. É preciso que ele, a partir da subordinação da sua subjetividade a sua condição de autor, *narre* sua vida aos leitores que se encontram orientados por uma leitura que insiste em depreciá-lo. Na verdade, o que o cidadão de Genebra propõe é que seus contemporâneos suspendam quaisquer julgamentos e os façam apenas depois de o terem lido. E assim que cada leitor estiver receptivo ao que há de verídico em sua narração, restará apenas que, pelas confissões que se propõe a ouvir, seja um juiz digno de sua estima, capaz de sozinho elaborar um discernimento entre o que é autenticamente proferido por ele e engenhosamente por seus inimigos. Sua autobiografia torna-se nesse sentido uma evidência a mais, além dele mesmo, de explicação àquele que sozinho não é capaz de compreender de que é feita sua vida – de bondade, de inocência e também de virtudes. É por isso que nas descrições que faz de si o tom não é imperativo nem falso; ele é apenas exato no que se refere às emoções. O que basta ao nosso autor é que enxerguem seu íntimo sem as barreiras impostas pelos *philosophes*, por quaisquer outros representantes do século e tampouco por ele mesmo. Daí propor aos seus leitores

¹³³ Ibid., p. 129

¹³⁴ Ibid., p. 93

que tirem sozinhos as conclusões a seu respeito, sem qualquer tipo de interferência externa.

“Se eu me encarregasse do resultado e lhe dissesse: ‘É assim o meu caráter’, ele poderia supor, se não que o engano, pelo menos que me engano. Mas relatando-lhe com minúcias tudo que me aconteceu, tudo que fiz, tudo que pensei, tudo que senti, não o posso induzir em erro, a menos que o queira. E ainda mesmo que o queira não o conseguirei facilmente por esse modo. *A ele cabe reunir esses elementos e determinar o ser que os compõe: o resultado deve ser sua obra. E para esse fim não basta apenas que minhas narrações sejam fiéis; é preciso que sejam exatas.* Não cabe a mim julgar da importância desses fatos: devo contá-los todos e deixar a ele o cuidado de escolher. É ao que me apliquei até agora com toda a minha coragem, e não o relaxarei depois (...) Só uma coisa tenho a temer nesta empresa: não é dizer demais ou dizer mentiras, mas não dizer tudo ou calar verdades.”¹³⁵ (grifo nosso)

Rousseau não se engana na descrição dos detalhes de suas confissões. E tampouco engana os seus leitores. Se há algum equívoco em seu relato, este se refere aos acontecimentos factuais decorridos ao longo de sua vida e não aos seus sentimentos. Ainda que os estivesse iludindo, acrescentando fatos inexistentes ou simplesmente esquecendo-se de algum, seus erros seriam apenas circunstanciais, em nome de algumas falhas de memória que possibilitam apenas a conservação daquilo que é apazível¹³⁶. E além de privilegiar os sentimentos em detrimento dos acontecimentos, também há de sua parte o desprezo por estas falhas, pois aquilo que foi esquecido provavelmente esconde apenas uma lembrança acessória, pouco importante para sua complexa narrativa. Sua memória se abre apenas em favor daquilo que é autêntico e sincero. As lacunas, os erros, não representam nunca algo de essencial que porventura foi deixado de lado, mas o que de menor aconteceu em sua trajetória, e que não ficou guardado porque não era digno de ser rememorado¹³⁷. São os seus sentimentos que não lhe escapam, principalmente os mais agradáveis, próprios de quem está tentando construir um novo juízo moral para observar e julgar o mundo, este tão acostumado a observá-lo e a julgá-lo como mau simplesmente por querer viver longe física e simbolicamente da sociedade. Mas não é maldade o que há em Rousseau, como fez questão de afirmar Diderot; é apenas uma necessidade de isolamento imposta pelos próprios homens e pela sociedade, isolamento este que acaba servindo para viabilizar uma observação detalhada de suas características mais corruptíveis. São exatamente seus sentimentos mais puros

¹³⁵ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 276

¹³⁶ “Minha memória, que guarda apenas os objetos agradáveis, é o feliz contrapeso da minha imaginação apavorada, que só me faz prever futuros cruéis”. (Ibid., p.10)

¹³⁷ “Escrevo absolutamente de memória, sem documentos, sem material que me ajude a recordar. Há na minha vida acontecimentos que me estão tão presentes como se acabassem de acontecer; mas há lacunas e vácuos que só posso preencher com o auxílio de histórias tão confusas quanto a lembrança que delas me ficou. Já cometi, pois, erros, algumas vezes, e ainda os poderei cometer a respeito de ninharias até o tempo em que tenha informações mais seguras sobre minha pessoa. Mas no que verdadeiramente importa ao assunto, tenho a certeza de que sou exato e fiel como sempre procurei ser. É com o que podemos contar”. (Ibid., p. 204)

que o guiam na observação destes detalhes, pois, sozinho, ele pretende mostrar que é um homem que pode desvendar a impostura da sociedade e impedir que ela prevaleça em detrimento de suas características individuais e da singularidade de sua existência. E por isso mesmo não são os meros fatos e acontecimentos que interessam a Rousseau expor como objeto de sua narração, mas a seqüência de seus sentimentos, usada como uma ferramenta estritamente individual de crítica contra os que o difamam.

“Só tenho um guia fiel com o qual posso contar: é o *encadeamento dos sentimentos* que marcaram a sucessão do meu ser, e por eles os acontecimentos que foram seus efeitos ou suas causas. Esqueço facilmente a desgraça, mas não posso esquecer meus erros, e esqueço ainda menos meus bons sentimentos. A lembrança deles me é muito cara para que se possam nunca apagar do coração. Posso fazer omissões nos fatos, transposições, erros de datas; mas não posso me enganar sobre o que senti nem sobre o que os sentimentos me levaram a fazer”¹³⁸ (grifo nosso)

Poderíamos até afirmar haver uma certa imprecisão em suas confissões por conta de sua singular atitude de escrever sem os documentos necessários para comprovar as histórias provenientes de sua memória. Contudo, ainda que possam ter ocorrido equívocos, eles não oferecem, enquanto meros erros, um critério importante na análise que estamos tentando fazer das avaliações e interpretações existenciais que elabora sobre a inserção de sua trajetória no Iluminismo. Não nos interessam a ausência de alguns fatos, mas a escolha dos sentimentos como justificativa contra a hipocrisia a que está submetido, pois é a partir deles que podemos concluir que sentido Rousseau está tentando oferecer à sua condição de escritor diante de uma geração de *philosophes* iluministas entre os quais ele se sente peculiarmente ao mesmo tempo incluído e excluído. É exatamente por conta de sua escolha em descrevê-los, e não aos acontecimentos, que *As confissões* significam para a nossa interpretação uma necessidade compelida – já que o esforço de retirar os sentimentos do coração é muito maior do que o de retirar os fatos da memória – de escrever a história de sua vida. Nesse sentido, a necessidade da construção de um texto como este pode, sob este ponto de vista, significar muito mais do que uma espontaneidade autobiográfica. Sim, porque na maioria das autobiografias, justamente por possuir uma característica irrefletida, estão presentes todas as sortes de relatos que se julgam estritamente verdadeiros e pouco autocríticos quanto a essa verdade. Já Rousseau, apesar de querer mostrar-se em toda a sua verdade, não faz um relato impensado de si. Na realidade, ele postula para a realização de sua obra um método capaz de produzir uma narração que distinga suas *ações* de suas *intenções*, os fatos dos sentimentos – níveis cujos limites são dados por ele mesmo, o único que possui autocrítica suficiente para ter acesso privilegiado a sua

¹³⁸ Ibid., p.11

pessoa e, portanto, o único que pode dizer tudo de si, mesmo que esse tudo seja fruto de um processo seletivo de suas lembranças para a finalidade prática de justificar-se perante seus contemporâneos e deles distinguir-se.

E é levando em consideração esse método que acreditamos ser possível e válido postular em *As confissões* uma perspectiva pessoal de Rousseau em benefício de uma afirmação que indique a trajetória de um desenvolvimento das suas duas críticas anteriores para um novo rumo, mais exatamente para uma *autocrítica*. Ora, o que significa separar a *intenção* da *ação* senão a realização forçada de uma crítica a si mesmo através de um relato que não só valoriza a virtude de seus sentimentos, mas que também confessa os vícios de seus atos? Na verdade, a crítica que faz à sua pessoa e que muito dificilmente os outros *philosophes* fazem a eles mesmos, diz respeito às suas *ações*. Esta nossa certeza se dá justamente porque em *As confissões* seu objetivo é o de evidenciar que algumas das ações cotidianas e públicas do *autor* Rousseau não passam de uma parte obscura e mal entendida de sua personalidade e nada têm a ver com as reais intenções do *sujeito* Jean-Jacques. Sua condição de autocrítico está justamente nesta característica de se dar a conhecer a partir da seqüência que o leitor deverá seguir para apreciar tanto sua subjetividade quanto os fatos da história de sua vida. E o método empregado em *As Confissões* é o mesmo de seu segundo *Discurso*, exatamente aquele que diz que para alcançar o homem natural é preciso “separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo”¹³⁹, ou seja, para conhecer bem Jean-Jacques impõe-se isolar nele tudo o que existe de adquirido até o momento de sua maturidade para que seus traços essenciais, próprios da juventude, destaquem-se como um princípio de verdade.

“(…) prometi me tratar tal qual sou, e, para que me conheçam na idade avançada, é preciso que me tenham conhecido bem na juventude. E como em geral os objetos me impressionam menos que as lembranças, e todas as minhas idéias são em imagens, os primeiros traços que se me gravaram na cabeça lá ficaram, e os que se imprimiram depois antes se combinaram com ele do que os apagaram. Há uma certa sucessão de afeições e de idéias que modificam as que as seguem, e que é preciso conhecer para julgar bem. E me esforço em desenvolver bem as primeiras partes para que se sinta bem o encadeamento dos efeitos”¹⁴⁰

É como se sua vida interior, sua subjetividade e todos os sentimentos surgidos na juventude tivesse uma autonomia em relação a todo e qualquer acontecimento de sua trajetória de vida. E justamente por conta disso, suas ações não podem ser confundidas com suas intenções, ou seja, estas não podem ser desvendadas por uma análise

¹³⁹ ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Ed. cit., p. 233

¹⁴⁰ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 275

simplória daquelas. É necessário que se examine toda a sucessão de emoções e anseios pelos quais ele passou até seu amadurecimento. É esse decurso que o explica, muito mais do que qualquer conduta. Daí ele ter afirmado que não são os acontecimentos que importam para provar verdadeiramente o que de fato ele é, mas a teia dos sentimentos e da sinceridade que emana de seu interior desde sua mocidade. Se este enredo de sentimentos é incoerente com suas ações, resta a Rousseau elaborar sua autocrítica, construindo, para tanto, para si e para seus próximos, um compêndio onde estejam relatados todos os erros de suas ações e, por trás deles, todas as verdades de suas intenções.

“Não sei por que fantasia, Rey me pedia havia muito tempo que escrevesse as memórias da minha vida. Embora, até então, não fosse muito interessante pelos fatos, senti que poderiam chegar a o ser pela franqueza que eu nelas poria; e resolvi fazer uma obra única, de uma veracidade sem exemplo, a fim de que, pelo menos uma vez se pudesse ver um homem tal como ele é interiormente.”¹⁴¹

Esqueçam os fatos e entendam o meu interior. Ou então, entendam os fatos a partir da franqueza que retiro de meu interior, diria Rousseau, pois há momentos de uma espécie de delírio em que não se deve julgar os homens pelas ações que praticam. Ele sabe que apesar de muitas de suas intenções não poderem ser comparadas às suas práticas, é dessa diferença de que ele é feito. É justamente no texto em que se transforma em assunto que ele assume seus erros, não apenas como equívocos, mas como vícios. É à sua consciência que recorre para dizer sempre a verdade, não a da razão, tal como se apresenta a verdade aos iluministas, mas a do coração, pois sua tarefa é apenas dizê-la, e não fazer com que nela acreditem. É desta característica de querer de uma vez por todas assumir verdades, sejam elas representações de vícios ou de virtudes, que se torna possível afirmar que não há por parte dele uma necessidade estritamente memorialista. Ele não parece pretender contar sua vida somente a modo de *memória*, mas principalmente a modo de *justificativa*, pois é do exame de sua consciência que nasce a verdade sobre alguns de seus atos que, embora nada virtuosos, são erros de sua vontade. A partir da assunção e da justificativa destes erros, o que ambiciona é apenas que seus contemporâneos tenham a exata noção do quanto ele vale e que o conheçam melhor do que aparenta ser, ou seja, que o apreciem em todas as suas manifestações, boas e más, já que garante não possuir a ingenuidade inventiva de Montaigne ao relatar seus próprios vícios.

“Eu rira sempre da falsa ingenuidade de Montaigne, que, fingindo confessar seus defeitos, tem cuidado em só se atribuir pequenos defeitos amáveis; enquanto que eu, que sempre me supus o melhor dos homens, sempre acreditei que não há interior humano, por mais puro, que não esconda

¹⁴¹ Ibid., p. 370

algum vício odioso. Sabia que me pintavam em público em traços tão pouco semelhantes a mim mesmo e às vezes tão disformes, que, apesar de todo o mal que eu não queria calar, só poderia lucrar em me mostrar tal como era.”¹⁴²

Contudo, ainda que suas ações viciosas sejam diferentes de suas intenções virtuosas, e mesmo que em princípio elas pareçam inconciliáveis, o que Rousseau pretende a partir de suas confissões é conciliá-las, exatamente porque as interpretações que seus adversários fazem de seus atos estão quase sempre impregnadas de julgamentos equivocados¹⁴³. Tudo o que ele quer é desfazer mal entendidos, explicar suas ações, repará-las, mas nunca contrafazê-las, “afinal não empreendi minhas confissões para calar minhas tolices e estas me revoltam muito para que me seja permitido dissimulá-las”¹⁴⁴. É por meio destas confissões, exatamente por elas serem um relato aberto e uma crítica a essa incongruência, que Rousseau almeja fazer de sua pessoa um modelo de seus princípios e tornar sua existência muito próxima ao seu pensamento. Deseja, acima de tudo, dedicar sua vida à verdade – *Vitam impendere vero*¹⁴⁵ – e torná-la completamente coerente para quem quiser julgá-lo. Aquele que não o fizer razoavelmente certamente terá sido enganado por alguma mentira a seu respeito ou simplesmente por um julgamento antecipado de suas atitudes. E mesmo que os mal-entendidos sejam desfeitos, se a idéia tão divulgada pelos *philosophes* de que ele é um homem de ações censuráveis ainda persistir, não há dúvida de que seus apregoadores terão por merecer uma repreensão tão cruel quanto a que a ele é imposta pela calúnia.

“Eu disse a verdade. Se alguém ouviu coisas contrárias àquelas que acabo de expor, todas elas mil vezes provadas, ouviu calúnias e imposturas; e se esse alguém se negar profundamente a examiná-

¹⁴² Ibid., p. 370

¹⁴³ Tentando conciliar sua vida com seu modo de pensar, Rousseau justifica vários episódios, por ele considerados nada virtuosos, que aconteceram ao longo de sua trajetória até a maturidade: o roubo da fita e a acusação que fez a Marion; a entrega de seus filhos à casa dos expostos; o pavor e o descaso diante de Le Maitre no dia em que sofreu um desmaio na rua; e suas constantes satisfações por meio do “perigoso suplemento que engana a natureza”.

¹⁴⁴ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 409

¹⁴⁵ *Dedicar minha vida à verdade* – frase pela primeira vez citada na *Carta a D’Alembert*. Contudo, é em *Os devaneios do caminhante solitário*, um apêndice das *Confissões*, que Rousseau retoma mais explicitamente esta divisa. Na quarta caminhada, depois de ter denunciado mais uma vez o “complô” que acredita estar armado contra sua pessoa, ele trata de fazer uma densa reflexão sobre a *mentira* a partir da idéia de que a *verdade* deve se confundir com a *justiça*. Com o objetivo de defender veementemente seu lema, afirma não existir mentira que seja inocente, pois qualquer uma – em vantagem própria ou em prejuízo de outrem – agride de frente a justiça. Aquelas que não a ferem são apenas ficção. Este é exatamente seu caso. Se em toda a vida disse algumas mentiras, estas foram menos fruto de um ato de vontade do que delírio da imaginação. Pode até ter enganado as pessoas quanto à verdade dos fatos, mas nunca sobre sua verdade moral. Aqueles homens que em sociedade são comumente chamadas de *sinceros* raramente falam verdades morais. São tão fiéis em coisas inúteis que se isentam da verdade quando precisam sacrificar-se por ela. Acontece que o homem realmente sincero serve mais fielmente à verdade quando se imola em seu nome. E Rousseau diz ter feito esse sacrifício em toda a extensão de suas *Confissões*. Nela exerceu sua *profissão de sinceridade*, fundamentada muito mais no sentimento de retidão do que na realidade dos fatos. (ROUSSEAU, J.-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1986, p. 55-67)

las e compará-las a mim enquanto estou vivo, não é amigo da justiça nem da verdade. Por mim, declaro abertamente e sem medo que, todo aquele que, mesmo sem ter lido meus escritos, examinar com seus próprios olhos minha disposição, meu caráter, minhas maneiras, minhas inclinações, meus prazeres, meus hábitos, e disser que sou um homem desonesto, é ele mesmo um homem que merece a forca.”¹⁴⁶

É claro que a censura que Rousseau tratará de impor a seus adversários não virá de uma pena capital; na verdade, virá de sua reforma pessoal. Tudo o que os *philosophes* não são estará caracterizado por nosso autor em seu novo estilo de vida. Por isso é necessário mencionar que a prova de que ele não é condescendente com seus contemporâneos está exatamente nesta reforma que cria para si e nos princípios severos que decide cumprir a qualquer custo¹⁴⁷. Durante esta transformação, o genebrino adquire um caráter particular de vida – avesso à hipocrisia e aos ditames do século XVIII – que prima pela negação de qualquer projeto de fortuna ou de ascensão intelectual e pela completa indiferença a julgamentos ou a opiniões alheias às suas: “Embora a falsa vergonha e o receio de bofetadas me impedissem de me portar, de início, de acordo com meus novos princípios, e de romper bruscamente com as máximas de meu século, desde então, minha resolução se fixou, e só demorei para executar o tempo de que precisaram as contradições para a irritarem e a tornarem triunfante.”¹⁴⁸ Estes são os momentos, justamente em razão da ousadia necessária para colocá-los em prática, em que Rousseau deixa de ser ele para ser outra pessoa, mas durante os quais está certo de distinguir-se o quanto pode de toda a polidez, ostentação e dependência de aceitação dos *philosophes*: “Completa minha reforma, só pensei em a tornar sólida e durável, trabalhando em desenraizar do meu coração tudo o que se prendia ainda ao julgamento dos homens, tudo o que poderia me desviar, pelo medo das censuras, do que era bom e razoável em si”¹⁴⁹. Contudo, embora tenha se livrado do domínio da opinião que os sábios e os filósofos teciam sobre o seu novo estilo de vida, Rousseau ainda se fixa à opressão de uma amizade da qual sofre para se desvencilhar.

¹⁴⁶ Esta citação foi traduzida de uma edição francesa das *Confissões* (ROUSSEAU, J.-J. *Les confessions*. Paris: Garnier Flammarion, 1968, p. 431)

¹⁴⁷ Durante o processo de sua reforma pessoal, Rousseau se encontrava em um estado completamente avesso a sua personalidade. Contudo, o que importa para a nossa análise é o impacto causado por esta transformação na sociedade, uma vez que ela representa atitudes absolutamente contrárias às atitudes polidas de boa parte dos *philosophes*. “*Que mudança! Paris toda repetia os acres e ferinos sarcasmos deste mesmo homem que dois anos antes e dez anos depois nunca soube encontrar a cousa que deveria dizer, nem a palavra que deveria empregar. Procure-se uma situação no mundo mais contrária à minha natureza e encontrar-se-á aquela em que eu estava. Lembrem-se desses curtos momentos da minha vida em que eu me tornava outro e deixava de ser eu; aconteceu o mesmo no tempo a que aludo; apenas em vez de seis dias, seis semanas, durou seis anos, e duraria talvez ainda sem a circunstâncias particulares que o fizeram cessar, e me devolveram à natureza, acima da qual eu não quis me elevar*” (ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 221)

¹⁴⁸ *Ibid.*, 129-130

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 142

Opressão, aliás, bastante cruel se levarmos em conta o tempo que ele leva para convencer seus contemporâneos de que é alguém que prima por uma ética da amizade, mas que dela é obrigado a se afastar por não ter com quem compartilhá-la.

“Se eu tivesse sacudido tão bem o jugo da amizade quanto o da opinião, chegaria ao cabo de meu desígnio, o maior talvez, ou pelo menos o mais útil à virtude que um mortal já concebeu; mas enquanto eu calcava aos pés os julgamentos insensatos dos pretensos grandes dos pretensos sábios, deixava-me subjugar e levar como uma criança pelos pretensos amigos, que, invejosos de me verem caminhar só numa estrada nova, fingindo que se preocupavam muito em me tornar feliz, só se preocupavam em me tornar ridículo, e começaram a trabalhar para me envilecer, a fim de poderem depois me difamar.(...) Eu nascera para a amizade. Meu gênio fácil e meigo a sustentava sem sacrifício. Enquanto vivi ignorado pelo público, fui amado por todos os que me conheceram, e não tive um único inimigo; mas assim que tive um nome, não tive mais amigos.”¹⁵⁰

Este jugo faz com que de alguma forma o aspecto crítico e público de suas confissões invada e ponha a nu a história de vida de alguns personagens dos círculos de relações sociais do Iluminismo. Nelas, inevitavelmente se encontram relatados episódios envolvendo justamente freqüentadores destas rodas. Todavia, mesmo que estas confissões envolvam outras pessoas, ele insiste em dizer que a justiça e a verdade que nortearam o relato de sua vida também estarão presentes no relato da vida daquelas com quem se relacionou. Ainda que estas pessoas consagrem seus lazeres a caluniá-lo, com elas ele não fará o mesmo. Sua réplica será dada por meio de revelações tão leais quanto são as suas. E justamente por seus amigos estarem todos reunidos em partidos, a atitude que tomam de difamar e virar às avessas sua reputação torna-se ainda mais incisiva, principalmente por Rousseau, sozinho, insistir em manter sua aversão por qualquer facção, o que acaba transformando em desvantajosa sua necessidade de defesa e explicação diante deles: “Grimm, Diderot, d’Holbach, no centro do turbilhão, viviam na mais alta sociedade e partilhavam entre si quase todas as esferas. Grandes, homens de talento, letrados, mulheres, poderiam se fazer ouvir por todos. Pode-se ver desde já a vantagem que essa posição dá a três homens unidos contra um quarto na posição em que eu me encontrava”¹⁵¹. Por isso ele toma a decisão de deixar imperativamente a cidade onde a maioria de seus difamadores vivem – debaixo das vaias da roda holbaquiiana, que predizia em voz alta que ele não suportaria nem três meses de solidão e que depressa o veriam voltar envergonhado¹⁵² – para residir na Ermitage e tornar sua autocrítica ainda

¹⁵⁰ Ibid., p. 139

¹⁵¹ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 334

¹⁵² Ibid., p. 197. Rousseau declara terem feito todos os tipos de intriga contra a sua permanência no campo, inclusive tentando provar que não se poderia viver fora da capital sem ser um mau homem: “A roda holbachiana, que não me via fazer nenhuma viagem a Paris, começou a recear seriamente que eu me desse bem no campo, e que fosse bastante louco para lá ficar. E começaram as importunações para indiretamente me lembrarem a cidade”. (Ibid., p. 238).

mais aguçada, já que estaria respaldado por um projeto há muito impresso em seu espírito: a vontade de conformar as ações de sua vida com suas idéias.

Para ser então este homem sincero e autêntico, para conformar sua prática com sua teoria, ou, mais exatamente, para conformar seu *Discurso* e sua *Carta* com suas atitudes, Rousseau opta por viver tal como o homem natural, ou seja, absolutamente isolado. E é esta atitude que torna público o debate que mantém com os *philosophes*, debate peculiarmente representativo, não de um diálogo amistoso, mas de dois monólogos¹⁵³ que se iniciam polidamente e terminam em completo desacordo. O que poderia ter sido um momento profícuo de troca de idéias transformou-se em uma disputa pelo espaço que a opinião pública e o senso comum reservam naturalmente aos seus julgamentos. Embora a regra de ouro dos *philosophes* contemple a necessidade de se manterem unidos, a despeito da disposição de oporem-se mutuamente, Rousseau não é resguardado de deles se afastar, pois qualquer um que ameace a estrutura intelectual montada pelos iluministas é tido como inimigo, traidor e desertor do movimento. Daí seus contemporâneos fazerem questão de espalhar o rumor de que foi ele quem rompeu com todos assim que se mudou para a Ermitage¹⁵⁴. Ora, a decisão de Rousseau de deixar Paris foi tomada de forma autônoma. A particularidade desta deliberação está nos dois níveis de seu significado simbólico: ela é responsável tanto por provar que ele é capaz de ser coerente com suas idéias quanto por possibilitar uma crítica distanciada e isenta das máximas de um grupo que se pensa unido mas ainda muito pouco autocrítico quanto às finalidades desta união¹⁵⁵. Acontece que a certeza de que este é um movimento inabalável diminui a partir do instante em que Rousseau dele se distancia para reavaliá-lo. Para que esta certeza se torne plena, os iluministas passam a enxergar a necessidade de se defenderem atacando quem de alguma forma deles se diferencia e ameaça. Diante destes ataques, tudo o que o genebrino pretende é ensinar ao público a desconfiar das insinuações da rodinha holbaquiana, que quer dispor do seu destino e sujeitá-lo aos seus desígnios simplesmente por ele questionar veementemente a tão impregnada idéia de que eles são os únicos responsáveis credenciados por dar rumo aos ideais do Iluminismo.

¹⁵³ HULLING, Mark. *The autocritique of enlightenment*. Ed. cit., p. 202

¹⁵⁴ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 347

¹⁵⁵ Interessante a discussão de Mark Huling acerca da autocrítica que será exercida também por boa parte dos representantes do partido dos *philosophes*, depois, é claro, de Rousseau, que sozinho a inicia já em seu primeiro texto teórico. Contudo, ainda que os *philosophes* tenham se aproximado – não por influência somente, mas por uma tendência natural do século – de um nível de discussão que há muito Rousseau se situava, este fato não diminuirá em nada o conflito entre eles. (HULLING, Mark. *The autocritique of Enlightenment*. Ed. cit., p. 76)

Com a instauração do conflito entre, de um lado, Rousseau, e de outro, os *philosophes*, estes passam a atacá-lo muito mais para defender seu movimento intelectual do que para combater de fato suas idéias. Todos foram convocados a julgá-lo como desleal. E por isso mesmo parece que, além de não o considerarem um escritor de qualidade, não encaram suas críticas como merecedoras de atenção intelectual. Na verdade, assim que Rousseau se manifesta contrário à participação em quaisquer facções literárias, ataca em seus pares a idéia de atacar a sua pessoa muito mais do que às suas idéias; de desqualificar sua figura como sendo alheia ao mundo das luzes muito mais do que polemizar sobre sua obra: “Na borrasca que me submergiu, meus livros serviram de pretexto, mas era a minha pessoa que odiavam. Cuidavam muito pouco do escritor, mas queriam perder Jean-Jacques, e o pior mal que acharam nos meus escritos era a honra que eles me poderiam trazer”.¹⁵⁶ Daí ele começa a questionar sua posição de escritor e membro, ainda que marginal, do Iluminismo. Rousseau não considera o exercício da escrita uma profissão nem dele almeja auferir lucros. Na verdade, nos livros ele quer apenas exercitar sua característica de observador e investigador do homem sem pecar pela omissão de não falar em favor do bem comum, ou seja, sem omitir o contexto social e político daquele que sua investigação pretende desvendar. E o combate aberto com os *philosophes* é a exata conseqüência desta iniciativa, principalmente porque sua intenção, ao escrever livros, é justamente contrária ao objetivo daqueles de tornar as obras literárias um compêndio da razão única e exclusivamente para manter intacta uma disposição intelectual que prima por professar um racionalismo que serve apenas para a manutenção de seus pares nas academias, nos grandes salões e nos fechados círculos parisienses.

“Sempre compreendi que a posição do escritor só pode ser ilustre e respeitada quando não é um meio de vida. É muito difícil pensar-se nobremente quando se pensa para viver. Para poder, para ousar dizer grandes verdades, é preciso não depender de seu lucro. Eu lançava meus livros ao público, com a certeza de ter *falado para o bem comum*, sem cuidar em mais nada. Se a obra fosse mal recebida, tanto pior para os que não podiam aproveitar dela; quanto a mim, não precisava da aprovação de ninguém para viver. Meu ofício me sustentava, mesmo que meus livros não se vendessem; e isso era precisamente o que fazia com que eles se vendessem”¹⁵⁷ (grifo nosso)

Enquanto membro da república das letras, nosso autor escrevia sem levar em conta um compromisso profissional: “Não me sentia bastante sábio, nem achava em mim bastante espírito para brilhar na república das letras e fazer uma fortuna por esse meio”.¹⁵⁸ Contudo, não é por isso que deixa de fazer um exame compromissado, severo

¹⁵⁶ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 205.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 119-0

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 423

e sincero, do seu século. Para tanto, impõe a si um isolamento capaz de curá-lo de todo e qualquer preconceito – uma condição ideal para bem observar os homens, distinguir sua aparência de sua realidade e, a partir daí, julgá-los a partir de uma contenda que não é tanto de caráter pessoal. Na verdade, sua discussão é dirigida a todo o movimento filosófico que com ele passou a conflitar a partir do instante em que adotou para si uma forma literária social e politicamente autêntica. Ao optar pela alternativa do isolamento, de ser o único entre os *philosophes* a renunciar a vida em sociedade e de cotejar a relação entre sua visão de mundo e a dos seus adversários, Rousseau não está fazendo mais nada senão instituindo uma crítica ao mesmo tempo pessoal e histórica ao Iluminismo. É justamente o distanciamento da sociedade que provoca a possibilidade de figurar melhor a si mesmo e aos seus contemporâneos, pois concebendo-se diferente destes, ele imediatamente faz surgir uma autocrítica que questiona tanto o *sujeito* quanto o *autor* do Iluminismo. Sua função, em *As Confissões*, passa a ser então a de observador dele mesmo, o que, em decorrência de sua inserção no século da luzes, suscita também a observação crítica das principais máximas de um tempo histórico específico.

A idéia que Rousseau deseja transmitir aos seus contemporâneos é a de que a partir da autenticidade de sua vida é possível, sem cometer a injustiça de narrar calúnias, tratar de todo um século que, apesar de possuir menos preconceitos que quaisquer outros, se agarra com muito mais força aos preconceitos que tem, principalmente por levar em conta os termos de uma razão que força um exercício crítico soberbo, excessivo e devedor da verdade. Rousseau, ao contrário, nada deve à verdade. Isto porque ele insiste na realização de uma obra na qual critica a si mesmo e que, em decorrência disso, força a autocrítica de todo um século. Não à toa constatamos que a narração de sua história de vida implicou na narração de acontecimentos históricos de um movimento intelectual ao qual ele, à sua maneira, pertenceu. Contudo, embora até aqui tenhamos levado em consideração seu posicionamento como personalidade na história política, intelectual e social de seu século, acreditamos que o significado moral de sua crítica a estes acontecimentos também merece ser mencionado, uma vez que é a partir dele que poderemos vislumbrar a fundação de uma visão pessoal de mundo. E é por isso que agora tentaremos demonstrar que sua autobiografia tem aqui a importância de também ser a realização pública de um ato moral particular.

4.3. A virtude como fuga do vício do século

Constatamos nos capítulos anteriores que Rousseau, quando se propõe a criticar sua sociedade, verifica a existência de um elemento a partir do qual se pode dizer que nem tudo nela está degenerado e perdido; que, embora os homens sejam seus membros mais corruptos, eles o são apenas circunstancialmente; e que, essencialmente, eles podem conquistar, para aliviar os sofrimentos causados pela ausência da natureza, algo que supra minimamente a sua falta empírica. E esta carência pode ser ocupada pelo exercício complementar de uma *virtude* que, servindo a toda espécie humana, é capaz de viabilizar a sua regeneração a partir do compromisso da *consciência* com a distinção entre o bem e o mal e da sua deliberação de não romper com os princípios que regem essencialmente o bem. Sendo assim, durante sua trajetória de vida, Rousseau criou para si uma forma de defesa para aprender a suportar as injúrias de seus amigos. Para que os ultrajes e as humilhações que diz ter sofrido fossem superados, ele necessitou instituir uma moral pessoal a partir do exercício de sua consciência virtuosa. Exercício que poderia tornar-se nocivo caso ele não conseguisse lutar consigo mesmo contra o descontrole de suas paixões. Mas ele aprendeu que todas as expectativas de uma vida virtuosa não devem ser para ninguém mais senão, a partir de uma certa linguagem autônoma, para ele mesmo; e que esta luta é provavelmente aquela em que ele poderá escolher o melhor caminho a ser traçado diante de uma geração que escolheu o caminho da razão demasiadamente crítica contra seus pares em vez de uma razão voltada para a crítica de suas próprias ferramentas de trabalho.

Em *As confissões*, em princípio, Rousseau persiste no exercício da virtude. Nelas nosso autor exhibe, ou pelo menos suas intenções exibem, a si mesmo como um homem virtuoso. Contudo, esta não é a exposição de uma qualidade natural, pois, diferentemente do selvagem inocente, ele o é com mérito exatamente porque se esforça para sê-lo. Sua idéia é a de que os homens passam a existir, se não naturalmente virtuosos, ao menos inclinados à virtude, ou seja, possuidores de sentimentos suficientemente agradáveis para agir com generosidade diante de seu semelhante. Daí ser importante mencionarmos a distinção que o genebrino faz entre a posse privilegiada da virtude e a posse espontânea da bondade. A virtude de cada homem civilizado, tratando aqui de assuntos morais, é a força a partir da qual ele se doa ao dever e ao mesmo tempo o realiza. Ela é a constante disposição para querer realizar o bem,

exatamente o que exige a predisposição da coragem e da força para enfrentar a adversidade que impede a ação. A vida que se leva de acordo com uma autenticidade moral é aquela que continuamente, e não isoladamente em um ato apenas, esforça-se por repetir ações virtuosas. Ao contrário, a detenção de sentimentos bondosos, embora seja natural ao homem, pode desvirtuá-lo do propósito de praticar o bem, pois este pode contrariar os interesses de suas inclinações. Em certo sentido, ainda que a bondade natural esteja subordinada à virtude, uma vez que é preciso ter sentimentos ternos e benignos para praticá-la, é a consciência e a prática do dever que têm as rédeas da ação virtuosa. A bondade do homem, embora inata por ser fruto da voz da natureza e de Deus, não serve à vida em sociedade, mas apenas à existência particular de quem a pratica. E o *Emílio* é nosso guia para esclarecermos estas duas noções de Rousseau:

“Meu filho, não existe felicidade sem coragem, nem virtude sem luta. A palavra *virtude* vem de *força*; a força é a base de toda virtude. A virtude só pertence a um ser fraco por natureza e forte pela vontade; é apenas nisso que consiste o mérito do homem justo, e, embora digamos que Deus é bom, não dizemos que seja virtuoso, porque ele não precisa *esforçar-se para agir bem*. (...) Enquanto a virtude pode ser praticada sem grandes problemas, pouca necessidade se tem de conhecê-la. Essa necessidade aparece quando despertam as paixões. (...) Quem é apenas bom só permanece tal enquanto tem prazer de sê-lo; a bondade quebra e perece ao choque com as paixões humanas; *o homem que é só bom só o é para si mesmo*. Que é então o homem virtuoso? É aquele que é capaz de vencer suas afeições, pois então ele segue a razão, a consciência. Faz seu *dever*, mantém-se na ordem e nada o pode afastar dela. Até agora só eras livre em aparência; tinhas somente a liberdade precária de um escravo a quem nada foi ordenado. Sê agora livre de fato, aprende a te tornares teu próprio senhor; governa teu coração, Emílio, e serás virtuoso.”¹⁵⁹ (grifo nosso)

O indivíduo bom o é apenas em seu favor, e isso significa que a bondade é uma faculdade que tem seu valor somente entre os homens de um estado de natureza em que cada um vive dentro de si mesmo e para si mesmo. Nenhuma moral se apresenta a quem não necessita dela, a não ser de forma primitiva. Entretanto, em civilização, a elaboração de uma moralidade mais complexa se faz necessária para melhor estabelecer a relação que os homens irão travar entre si, pois a naturalidade da bondade, cujo exemplo mais claro é o *amor de si*, por si só não é suficiente para reger a vida em sociedade. Para tanto, os seres humanos terão que aprender, e Rousseau também, a generalizá-la até que ela se torne uma moral própria para o mundo de relações sociais. É neste mundo que os seres aprendem a ser justos. E é da idéia do dever e da força diante dele, em contraste com a inclinação natural das paixões, que nasce a moral inserida, em parte, em *As confissões*. Esta noção adquire em seus relatos um caráter ético em que a busca de um percurso seguro para a vontade livre, embora fraca, é essencial para a escolha entre a prática do bem e do mal. A escolha de nosso autor, na verdade, é pelo

¹⁵⁹ ROUSSEAU, J.-J. *Emílio*. Ed.cit., p. 626-7

bem, pelas noções justas de honestidade e pelo bom desempenho de deveres. E apesar de boa parte dos relatos de sua juventude sugerir a realização de atos que não condizem com este princípio, são, como já demonstramos, suas intenções que contam como regra de conduta para quem o estiver lendo. O ideal é que sigam seus princípios de virtude tal como ele procura, pela força, seguir aqueles que lhe foram ensinados.

Isto posto, Rousseau, no momento da escrita de suas confissões, encontra-se em uma situação em que é obrigado – uma vez que culpa sua vivência entre os iluministas por ter sido a responsável por acarretar sua desilusão com os homens – a suportar uma série de infortúnios capazes de o fazer reavaliar sua condição de membro da sociedade, e, a partir daí, descobrir-se bom ou virtuoso. Ele repetidamente diz de si próprio que, sendo um homem guiado por inclinações e paixões, é despojado de virtudes. Contudo, também diz não ter vícios, a não ser aqueles que prejudicam a ele mesmo, uma vez que não possui dentro de si a determinação necessária para levar a cabo um ato de crueldade para com seus semelhantes. É por isso que o que ele tem a contar em suas confissões não é o crime cometido contra alguém, mas o ridículo e o vergonhoso sobre si mesmo¹⁶⁰. Daí a constante incoerência consigo próprio desde os primeiros momentos da vida, aqueles em que começava a ser desenvolvida a ambivalência em relação às atitudes a tomar frente às situações que mais exigiam sua decisão, anos em que começou “a se formar ou a se mostrar em mim este coração ao mesmo tempo tão orgulhoso e terno, este caráter efeminado e entretanto indomável, que fluando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre a moleza e a virtude, me pôs até o fim em contradição comigo mesmo, e fez com que o gozo e a abstinência, o prazer e a sabedoria me tenham igualmente escapado”¹⁶¹. Mas apesar da constatação deste conflito interno, o que Rousseau deseja é manter-se coerente na condução de suas ações. E as afeições do início de sua existência dizem muito sobre como sentimentos opostos surgem de uma mesma fonte, ou seja, sobre como ele leva a efeito a união de fenômenos que de início parecem conflituosos ou, ao contrário, a desunião de princípios que aparentemente parecem semelhantes.

“Remontando aos primeiros traços do meu ente sensível, encontro elementos que, parecendo às vezes incompatíveis, uniram-se entretanto para produzir com força um efeito uniforme e simples. E outros que, iguais na aparência, formaram, com o concurso de algumas circunstâncias, combinações tão diferentes que eu nunca imaginaria que eles tivessem alguma ligação entre si.

¹⁶⁰ ROUSSEAU, J.-J. *As confissões*. Ed. cit., p. 30

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 21

Quem, por exemplo, acreditaria que os mais vigorosos recursos da minha alma foram temperados na mesma fonte onde se originaram a luxúria e a voluptuosidade que me correram no sangue?”¹⁶²

O genebrino constata que as incoerências de sua alma e sua tendência em pender para lados opostos acabam sempre chegando a um termo prático de conciliação. Não é à toa que o primeiro sentimento de injustiça que sentiu em sua infância foi o principal responsável por provocar nele idéias referentes ao repúdio a quaisquer tipos de tirania cometidos contra qualquer homem. No primeiro capítulo de suas confissões ele relata a iniquidade de o terem incriminado por quebrar os dentes do pente de uma senhora responsável por parte de sua criação. Essa situação fez com que seu caráter, em princípio tímido, dócil, centrado em si mesmo e sem qualquer noção de injustiça, se abrisse pela primeira vez ao mundo moral. Para Rousseau isso prova que, apesar de as regras de justiça, próprias para uma vida harmoniosa em sociedade, emanarem de Deus, elas somente são colocadas em prática a partir do instante em que uma situação limite as desperta. O genebrino sabe que seu incômodo diante de iniquidades de todas as sortes é um impulso natural, mas não fossem os esforços e o entusiasmo para delas se livrar, provavelmente ele não teria sido acordado. E sua insistência em negar a culpa diante do roubo do pente, considerada teimosia, não era mais nada senão firmeza e segurança diante de princípios que estavam nascendo.

“O primeiro sentimento da violência e da injustiça ficou-me tão profundamente gravado na alma, que todas as idéias que com ele se relacionam me despertam a primeira emoção; e esse sentimento, relativo a mim, na sua origem, tomou por si próprio uma tal consistência, e de tal modo se desligou de qualquer interesse pessoal, que meu coração se inflama ao espetáculo ou à narração de qualquer ação injusta, qualquer que seja o objeto ou o lugar onde se cometa, como se o seu efeito recaísse sobre mim. (...) Pode esse impulso me ser natural, e creio mesmo que o é; mas a lembrança profunda da primeira injustiça que sofreu ligou-se durante muito tempo e muito profundamente a ele para o não ter reforçado”¹⁶³.

A virtude de cada homem demanda anseio e compromisso com o princípio de um dever que está acima e além da obediência à inclinação às paixões, por mais benévolas e afáveis que estas paixões sejam. Apesar de o estado natural de Rousseau estar voltado para uma dedicação a si mesmo, ele não é guiado somente por seus sentimentos, caso contrário não teria insistido com tanta confiança em defender seu princípio de inocência. A particularidade desta ocorrência em sua infância revela-nos que escolhe a virtude como o guia de suas ações, pois somente com ela poderia ele ter criado argumentos contra o peso da injustiça daqueles com quem conviveu na juventude e com os que viria a conviver, mais tarde, enquanto membro do Iluminismo. E ainda que tenha cometido verdadeiramente, em outros momentos da vida, ações pouco virtuosas, sua

¹⁶² Ibid., p. 31

¹⁶³ Ibid., p. 33-4

intenção é a de deixar claro que existem instantes de desvarios em que não se pode aquilatar os homens somente pelos atos que cometem. É como se os traços originariamente morais de cada ser, independentemente de suas más ações, fizesse parte de uma característica humana essencial a partir da qual ele deveria ser estimado e reverenciado como sendo aquele que, sozinho e sem depender de outros, tem seu valor.

É claro que a escolha pelo valor da virtude e do seu exercício não se dá facilmente. Para ser corretamente posta em prática na sociedade, a moral de Rousseau não precisa ser a todo o momento colocada à prova. Isto porque ela exige um esforço de vontade que somente um homem consciente pode ter, um esforço capaz de aliar o dever moral com os interesses particulares em favor de uma vida regrada. Para tanto, ele afirma ser necessário seguirmos a máxima ética segundo a qual é extremamente importante evitarmos situações que põem nossos deveres em conflito com nossos interesses, simplesmente porque por mais sincero que seja nosso amor à virtude, cedo ou tarde ele se enfraquece imperceptivelmente, e nos tornamos injustos, falsos e maus de fato, sem havermos deixado de ser justos, verdadeiros e bons no coração. Esse adágio, considerado por ele a única e verdadeiramente filosofia adequada ao coração humano, provocou o comportamento que durante alguns anos foi o responsável pela excitação de curiosidade do público de Paris. Afora esta curiosidade, o que desejava realmente mostrar a este público era o quanto ele era capaz de proceder sempre com retidão, bastando, para tanto, fugir às ocasiões de vício. Daí ele entender não ser necessário a ninguém colocar-se sob o jugo de forças viciosas para bem aprender a agir. As máximas de virtude não necessitam ser colocadas à prova. É claro que não basta ser apenas bom. É necessário se fazer, forçosamente, virtuoso. É necessário proceder direito, fugir e evitar situações em que haja conflito entre o que queremos e o que deve ser realizado por dever de respeito a outrem. Se quisermos de alguma forma evitar circunstâncias que nos façam proceder mal devemos direcionar nossa consciência no caminho da conciliação entre nossos interesses e os interesses daquele que é nosso semelhante.

“Essa máxima fortemente impressa no fundo de meu coração, e posta em prática, um pouco tarde, em toda a minha conduta, é uma das que me deram um dos aspectos mais esquisitos e loucos em público, e sobretudo entre os meus conhecidos. Acusaram-me de ser original e de proceder diferente dos outros. Na verdade, eu não pensava em proceder nem como eles, nem diferente deles. *Deseja proceder direito. Fugia com todas as minhas forças às situações que me facultassem interesses contrários aos interesses dum outro homem e me fizessem por conseguinte ter um desejo secreto, embora involuntário, de fazer mal a esse homem*”¹⁶⁴ (grifo nosso)

¹⁶⁴ Ibid., p. 88

Não é necessário ter consciência do mal para aprendermos ser virtuosos. Mas como são raros os momentos em que somos prudentes, despencamos facilmente em situações de perigo, o que nos obriga ao árduo esforço de nos livrarmos delas. Não é a consciência do mal que nos ensina máximas de moral, pois a consciência é um guia que não falha nos momentos de necessidade, oferecendo-nos a força necessária para proceder bem quando é hora de fazê-lo. Qualquer dificuldade para executar o bem advém de uma fraqueza de alma a qual muitos homens tendem a se submeter por não darem razão aos ditames que a Providência profere e que cabe à consciência colocar em prática. E esta prática somente se torna irrealizável em razão do próprio homem que, pouco ciente de sua força, esquece-se da prudência necessária para não cair no equívoco de proceder mal.

Nos é sabido que Rousseau proclama a bondade como a face natural do homem. Todavia, este homem pode, assim como ele mesmo, aprender a ser virtuoso a partir da fuga de situações que o levem a despencar no abismo da maldade. E, caso ele se aproxime destas situações, elas devem forçá-lo a adquirir um autocontrole em relação às suas paixões e inclinações que, pela prudência, devem ser sempre reexaminadas. Não é fácil, todavia, sair assim do abismo ao cair nele, pois o que de fato a Providência legou ao homem foi o escrúpulo necessário para que ele evite a queda. Contudo, no momento em que ele se submete às suas disposições particulares, sua força para delas se livrar diminui, uma vez que é fácil, quando se quer, modificar os desejos ainda adormecidos, mas é difícil resistir a eles quando estão já formados e prontos para agir.

“A virtude só nos é difícil por culpa nossa. Se procurássemos ser prudentes, raramente teríamos necessidade de ser virtuosos. Mas as tendências fáceis de vencer arrastam-nos facilmente. Cedemos a insignificantes tentações cujo perigo desprezamos. Caímos insensivelmente em situações perigosas de que nos teríamos podido facilmente nos livrar, mas das quais não podemos sair sem esforços heróicos que nos assustam. Caímos afinal no abismo, dizendo a Deus: “Porque me fizeste tão fraco?” Mau grado nosso, porém, ele assim responde à nossa consciência: “Fiz-te muito fraco para sair do abismo porque te fizera forte exatamente para não cair nele”¹⁶⁵

Ao proclamar a virtude como a melhor forma de proceder em sociedade, o genebrino está querendo criar uma lei moral baseada na realização do bem a partir do sacrifício de suas vontades: “Sempre sacrifiquei meus prazeres à honra e ao repouso das pessoas que me eram queridas”¹⁶⁶. Rousseau não se pretende, por isso, um herói. Na verdade, a realização de pequenos deveres é o sacrifício ideal para quem quer ser apenas justo com sua consciência e com os próximos. Rejeitar a própria consciência acarreta

¹⁶⁵ Ibid., p. 101

¹⁶⁶ Ibid., p. 225

sofrimentos pelos quais Rousseau não deseja passar, embora em muitos momentos ele sofra por rejeitá-la. O remorso é sua conseqüência. Mas este não tem tanta importância quando é sua intenção de proceder bem que importa. E quanto mais os homens tiverem a intenção de agir bem mais se convencerão de que a sua prática é um meio de adquirir uma espécie de paz interior; quanto mais eles se portarem virtuosamente mais suas ações ulteriores terão o mesmo mérito, o que significa dizer que o exercício da moralidade é um exercício de vigilância constante dos sentidos a partir da ativação da consciência. E Rousseau exercita esta vigilância com a intenção de aumentar o número das boas ações praticadas por dever.

“Uma das vantagens das boas ações é que elas elevam as almas e as predisõem a praticar outras melhores. Porque tal é a fraqueza humana: temos de pôr no meio das boas ações as abstinências do mal que somos tentados a cometer. Assim que tomei minha resolução tornei-me um outro homem, ou antes, tornei-me no que era antes, no que esse momento de embriaguez fizera desaparecer. Cheio de bons sentimentos e de boas resoluções, continuei o caminho na boa intenção de expiar as minhas faltas, só pensando em reger doravante meu procedimento pelas regras da virtude, em me consagrar sem reservas ao serviço da melhor das mães, em lhe votar tanta fidelidade quanto afeição lhe tinha, em só dar ouvidos ao amor do meus deveres”.¹⁶⁷

Parte da superioridade moral que Rousseau diz ter está em que ele se nega a se submeter moralmente aos desígnios de uma sociedade que o obriga a proceder sempre mal. Sua virtude, parcialmente conquistada, vem deste fato. Não se coloca ao abrigo de nenhuma maldade tampouco a pratica contra quem quer que seja. Se ele não é verdadeiramente virtuoso, esta característica se dá apenas quando não é consigo próprio, em situações em que não prejudica ninguém senão a ele mesmo. Aparte isso, gaba-se por distribuir ações benévolas a quem quiser recebê-las. Delas nasce o hábito de praticar muitas outras. É sempre prudente construir para si, e é o que Rousseau proclama aos seus leitores, um “estado favorável à virtude”¹⁶⁸. Basta, para tanto, que o homem sonde a si mesmo e busque em suas muitas formas de proceder aquela que melhor adegue suas inclinações ao relacionamento estabelecido entre seus semelhantes. Esta adequação de fato é um sacrifício feito à virtude, mas ele nada custará se a vida em sociedade se tornar melhor do que naturalmente seria sem ela. Para conquistar uma vida virtuosa é preciso criar estratégias morais para que situações perigosas, que nos levam a executar atos que causam remorsos irreparáveis, sejam evitadas. Em verdade, antes, devemos agir de modo que nossas ações não atinjam a ninguém para que não sejamos culpados por qualquer mal feito.

“Sabia que, vivendo só no meio dos homens, e homens mais poderosos do que eu, nunca eu poderia, de qualquer forma que me arranjasse, pôr-me ao abrigo do mal que eles me quisessem

¹⁶⁷ Ibid., p. 407

¹⁶⁸ Ibid., p. 209

fazer. E só uma cousa dependia de mim: era proceder do jeito que, ao menos, quando eles quisessem me fazer mal, só o pudessem fazer injustamente. (...) Essa gente que está sempre pronta a considerar a adversidade um crime ficaria muito surpreendida se soubesse de todos os cuidados que tomei durante a minha vida para que ninguém me pudesse dizer mais tarde, a respeito das minhas desgraças: ‘Mereceste bem’ ”.¹⁶⁹

Muito custou para que seu valor e suas intenções virtuosas fossem reconhecidos. Precisou instaurar, para tanto, uma reforma pessoal a partir da qual marcaria definitivamente o seu caráter honesto. Até o momento de sua tentativa de torná-la efetiva, Rousseau diz o terem tomado apenas como um homem bom. Mas enquanto foi somente bom, antes e, principalmente, depois dos anos em que se propôs esta mudança, sofreu com as contendas provocadas pelos adversários da geração iluminista. Todavia, quando de fato conviveu entre os círculos letrados, soube ser virtuoso ao adequar seus atos com seus princípios, ou seja, ao ser seu próprio senhor, audacioso, ativo e atrevido o suficiente para conduzir-se em qualquer lugar com uma segurança que vinha mais de sua alma do que de suas atitudes: “O desprezo que as minhas profundas meditações me haviam inspirado pelos costumes, as máximas e os preconceitos de meu século, torna-me insensível às zombarias do que os veneravam, e eu esmagava suas graçolas com minhas sentenças, como esmagaria um inseto entre os dedos”¹⁷⁰. De fato conseguiu ser, neste momento, incorruptível. Bastou ter mudado seu estado de espírito, o que aconteceu exatamente nas atitudes que tomou durante os curtos quatro anos em que, embriagado pela virtude, deixou de ser ele para ser um outro, diferente de sua natureza, por sobre a qual ele não queria ter se erguido, mas que nem por isso foi menos verdadeiro, já que nada dissimulou.

“Até então eu fora bom; tornei-me depois virtuoso, ou antes, *embriagado pela virtude*. Essa embriaguez me começara pela cabeça, mas depois passou para o coração. O mais nobre orgulho germinou sobre os destroços da vaidade desraizada. Não simulei nada: tornei-me na realidade tal como me mostrava; e durante quatro anos, pelo menos, em que essa efervescência durou em toda a sua força, nada houve de grande e bom que possa entrar no coração de um homem que eu não me sentisse capaz de fazer. Foi essa a fonte da minha súbita eloquência; eis donde se espalhou nos meus primeiros livros esse fogo verdadeiramente celeste que me abrasava, e do qual durante quarenta anos não apareceu a menor centelha porque ele não se acendera ainda”¹⁷¹ (grifo nosso)

No instante em que se coloca a necessidade de resistir a si mesmo e às suas inclinações para ser virtuoso, Rousseau também se propõe a lutar contra a falsidade do mundo iluminista. E é por isso que suas confissões são para nós o reflexo de suas duas outras críticas, anteriormente feitas nos textos do primeiro *Discurso* e da *Carta*. Mas acontece que ao longo de boa parte do relato de sua reforma pessoal, ele se divide entre duas possibilidades – a realização imediata de suas inclinações e o esforço virtuosos de

¹⁶⁹ Ibid., p. 231

¹⁷⁰ Ibid., p. 221

¹⁷¹ Ibid., p. 220

sua consciência – com a temeridade de confundir quem o estiver lendo. Inicialmente, afasta-se de si mesmo por um empenho avesso ao seu natural. Contudo, esta mesma atitude, sobre a qual ele diz estar contrariando sua natureza, torna-se um entusiasmo sincero a partir do qual o comprometimento com a virtude transforma-se em *embriaguez*. Mas ele está somente ébrio, estado que sabemos ser efêmero. É claro que não há como discutir que sua escolha em transformar-se foi deliberada e que sinceramente encarnou uma personagem que de fato faz parte de seu caráter. Mas ela não se sustenta porque não há, e Rousseau sabe disso, virtude sem força. E este estado de ebriedade, a não ser a decisão de tê-lo iniciado, naturalmente nada tem de corajoso e entusiasmado.

Contudo, independentemente da construção imaginativa que criou para exercer a virtude em sua vida e do conflito interno que a procura de sua realização prática provocou, interessa-nos aqui a defesa de uma noção abstrata de virtude a partir da qual ele se mostra opositor de uma sociedade iluminista que não a conserva como seu alicerce. Ora, sua falta de coerência não advém de qualquer característica inata. A ausência de unidade em sua existência é o reflexo de toda a crítica que armou em suas obras contra a impostura e a má-fé da sociedade impregnada de falsas luzes. Mesmo que estivéssemos tratando de sua autobiografia a partir unicamente dos problemas de sua vida pessoal, não poderíamos, como não fizemos aqui, esquecer que a autocrítica presente em suas confissões, ou seja, sua vontade de justificar e de explicar sinceramente sua constante tensão, é fruto de uma revoltada crítica às máximas e aos valores da década de 1750 com os quais começou a tomar contato um pouco antes de pôr-se a escrever o primeiro *Discurso*. E ainda que Rousseau nunca se decida entre exercer a moral de acordo com os princípios da virtude ou seguir os impulsos imediatos de suas paixões, ele é sincero o suficiente para fazer de sua dúvida, apesar do significado interior e pessoal, a expressão pública de um problema histórico.